

de 1980.

Experiências de exportação participativa do abacaxi

Por José Manoel de Aguiar

Em 1980, foi o primeiro ano de exportação de abacaxi direto da produção rural para o exterior. Até então, a exportação era feita apenas por meio de intermediários comerciais.

As primeiras tentativas de exportação direta foram realizadas em 1980, com o envio de 10 toneladas de abacaxi para o Brasil, por meio de um grupo de produtores rurais, liderados por José Manoel de Aguiar, que atuava como representante comercial.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

III

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

EXPERIÊNCIAS

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

Essa experiência foi muito bem-sucedida, pois os produtores conseguiram obter um preço mais elevado do que o praticado pelos intermediários comerciais.

EXPERIÊNCIA 1

Um corredor de experiências: práticas do aborto

Tânia Mara Vieira Sampaio

I

O Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina vem realizando seminários anuais buscando tratar aspectos da vida que desafiam os grandes temas acadêmicos, que recolocam em discussão posturas epistemológicas e suas respectivas metodologias.

Assumindo tratar a temática *Culpa e Poder*¹, elegemos a realidade do aborto como o cerne concreto desta reflexão. Posto isto, por onde entrar neste debate? Concluímos, em vista dos discursos veiculados por igrejas e estado, que, cada um destes, a seu modo, organiza prescrições de controle sobre o corpo das mulheres e, especialmente, sobre a fase reprodutiva deste corpo.

Em diversas conversas iamso clareando o caminho a escolher. Entre as possibilidades nos perguntávamos: *“Como saber o que disseram sozinhos os homens durante anos sobre a vida, sobre o corpo e sua relação com o mistério, sobre o nome e o jeito de*

¹ IV Seminário do NETMAL, "Culpa e Poder, realizado em outubro de 1993, São Paulo

conhecer a Deus?”

Entrar pelo mundo dos livros, do conhecer o que já se disse para depois dizer o novo? Talvez fosse o mais lógico, o mais comportado... mas quem poderia fazê-lo? Algumas, com certeza. No entanto, desconfiávamos de que quem definiu que este é o *“lógico e comportado”*, tenha sido o método construído por aqueles mesmos.

Entre a falta fôlego de recorrer a todas as falas sobre o aborto e o desejo, não nos *“comportarmos”* desta vez. Percebíamos a força que se impunha desde a prática das mulheres em seu cotidiano ao enfrentar em seu corpo um aborto.

Não se tratava de construir uma *“permissão”* teológica ou legal para o aborto. Estávamos diante do desafio de deixar a fala das mulheres, produzida a partir do movimento emergente de seu corpo e de seu trato com a vida, ter seu espaço para ser dita, compartilhada.

Assim, partimos do reconhecimento da dignidade de uma prática que se construiu à margem dos discursos formais das instituições controladoras da vida. Sem purismos de qualquer espécie.

Não se tratava de dizer que não havia nada que aprender destas formulações. Por outro lado, também não era o caso de termos que começar do nada. Ou de precisarmos conhecer tudo o que já fora dito para depois *“ousarmos”* dizer algo.

Não ser remendeiras é uma palavra de ordem, é uma postura metodológica.

II

Assumimos que a definição da pauta para a teologia feminista devia acolher as urgências advindas das experiências das mulheres no trato com a vida. Daí, a criança, a panela, a sexualidade, o aborto, o papel e o lápis vistos desde a experiência das mulheres têm muito a dizer à teologia e a outras áreas do conhecimento humano.

Nos organizamos no ritmo dos trejeitos e jeitos do corpo dizer-se frente ao mistério e à perplexidade que a vida e a morte representam.

O exercício de deixar as práticas falarem alto - e mais alto - desafiou todos os sentidos de nosso corpo. Éramos chamadas a ouvir, mas os olhos tinham do que se admirar também. Havia belezas distintas dos padrões convencionais a serem olhadas. Em ou-

tras horas, o sabor dos chás era um convite a participar de segredos, de laços de solidariedade. Um gosto que se prova como se fosse sacramento. Tocam outras mãos e sentir de perto o corpo ferido, por vezes marcado pela experiência de solidão, pediu de nós a atenção à produção de um conhecimento e de uma ética de mulheres.

Começar a olhar para o lugar de onde vêm as mulheres era o caminho. Reconhecendo o mundo e suas contradições inerentes a cada grupo de mulheres, perguntávamos pelo que era próprio de sua maneira de se organizar para falar da construção de sentido que davam às coisas vividas e àquelas que sonhavam viver. Deste cotidiano em que se experimenta a relação com as pessoas e com o sagrado, queríamos aprender.

Fomos constatando nessa lida próxima das lutas pela vida e pela dignidade, que as mulheres foram construindo um jeito próprio para amar a Deus e sentir sua presença e força nos problemas que enfrentavam. Muitas vezes as falas dos homens sobre Deus não atingiam a possibilidade de lidar com a iminência de um aborto, por exemplo.

E aí, só mesmo a solidariedade das vizinhas, das mais experientes, que sabem dos chás que ajudam a "descer a regra" ou da "sopa de músculos com batatas que é o que a mulher precisa depois de um aborto".

Ah... se não fosse a solidariedade, essa troca de chás, de conversas, de sopas... de cuidado, como agüentar a fala tão dura e culpabilizadora que as estruturas patriarcais organizam sobre a sexualidade das mulheres?

Apropriando-nos da teologia e dizendo-a feminista, construímos a perspectiva desta como um jeito de *"dar voz à busca de sentido da existência, uma vez que somos habitantes do sentido e suas produtoras. Assumimos a teologia como uma espécie de busca articulada de sentido que se expressa numa diversidade de discursos indicativos da necessidade humana de viver numa RELAÇÃO maior, sempre maior que os limites do cotidiano"* (Ivone Gebara).

O caminho escolhido para encontrar as mulheres em sua experiência com o aborto foi o do exercício da escuta, da companhia, das conversas em suas cozinhas, em suas salas, em seus espaços de trabalho, em suas rodas, em seus quartos...

Eleger o lugar da experiência das mulheres não foi ocasional, foi proposital. Uma postura definida como princípio metodológico.

Dar vez e voz aos discursos teológicos, legais, médicos e outros sobre o aborto era uma possibilidade, experimentada em outros momentos por várias de nós.

Contudo, aquele era o momento de dar espaço para uma outra escuta. Aquela atenta às diversas práticas das mulheres que se organizam a partir de outros referenciais de compreensão e concepção. Vivências que perseguem o cheiro da vida e do direito de escolha sobre os desejos de seu corpo.

III

O processo que envolveu várias de nós - integrantes do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher - culminou no seminário na forma de vários espaços acolhedores e identificadores da experiência de um grupo de mulheres. Em um grande corredor, como se fosse uma feira, com barracas expondo seus coloridos - belezas e feiuras - exibindo vida e jeito de resistência, podíamos entrar em contato com vários mundos de mulheres.

Com as mulheres do Candomblé experimentamos uma outra cultura, uma decisão sobre o aborto que não está marcada pela culpa. Havia uma compreensão de que as forças que estão por nascer precisam ser positivas para as mulheres e para os deuses e estes vão ajudar a decidir. Aqui entram os chás. O processo de solidão que muitas mulheres enfrentam está ausente na experiência destas mulheres.

Seguíamos guiadas por outras experiências. Mais duras. Talvez, mais solitárias. A das prostitutas do bairro da Luz. Mulheres marcadas pela urgência, desde muito cedo em suas vidas, de decidir sobre o seu corpo. Por falta de alternativas, motivadas por sonhos ou mesmo pela fome, estas mulheres quando decidem pelo aborto, o fazem por ser a melhor possibilidade de viverem. Sem filhos, já lhes é muito caro pagar sua moradia e alimentação. Com filhos, como levar adiante parte da gestação, o parto, a maternidade...?

São inúmeras as dificuldades. Dureza, também, é ter que trabalhar muito para conseguir o dinheiro para submeter-se ao aborto. O risco é grande, a fragilidade do corpo é vivida em muita ausência de outro corpo para se aconchegar.

As falas, os discursos das instituições sociais contra a legalização do aborto atingem estas e outras

mulheres como uma proclamação de exclusão da dignidade, um decreto de morte. No caminho, o corredor se alongava, havia outras realidades sendo vivenciadas. Aquele corredor tinha para nós o sentido de mapear as distintas práticas e assumir parcerias e alianças solidárias. Algumas tendas nos confrontavam com o fato de que o conceito aborto era tomado de maneira muito diferenciada.

Para algumas, como as mulheres indígenas, o conceito não existe em sua língua e em sua cultura. Em certas nações indígenas, os filhos são sempre filhos da esperança. Na medida em que o grupo social enfrenta problemas graves que ameaçam a existência deles enquanto nação, a esperança deixa de ser uma possibilidade. Nestes tempos, os filhos não devem nascer. Seu conhecimento das ervas é acionado para que os chás adequados cuidem do período de esterilização provisória ou definitiva das mulheres e também daquelas que provocarão a interrupção da gravidez.

A resistência das mulheres e a produção de conhecimento sobre seu próprio corpo provoca, de fato, um outro e novo acercamento desta realidade do aborto.

Experiência semelhante é a da mulher da zona rural. Pode ser observada entre este marco da experiência indígena e negra, em diálogo com o discurso formal eclesial e legal sobre o aborto. É quase impossível conseguir o apoio destas mulheres - trabalhadoras rurais - à luta para legalização e despenalização do aborto. Na grande maioria, elas são contra o aborto clínico, provocado por intervenção cirúrgica. Mas, experimentam com naturalidade a administração de chás que ajudam a "descer a regra" quando esta está atrasada. Em seu registro, nesse caso não é aborto. É decidir pelo que o corpo no conjunto de suas outras relações e possibilidades pode enfrentar. A dignidade da vida, passa por aconselhar-se com as mulheres mais velhas e participar do conhecimento do corpo e das plantas adequadas aos momentos deste corpo.

Ameaças à possibilidade de viver, em condições que já são mínimas, nos barracos de papelão debaixo dos viadutos, leva outras meninas e mulheres a serem favoráveis ao aborto. E outras, a preferirem a relação homossexual como jeito de fugir da violência dos homens no relacionamento e do risco de uma gravidez indesejada.

Este corredor, expondo a vida de vários segmentos de mulheres, possibilitou a percepção de que o pensamento sobre o aborto não determina o jeito das mulheres assumirem sua condição. Ainda que tenham

que administrar a culpa e as sequelas em seu corpo as mulheres têm produzido cultura, construído conhecimento e afirmado o direito sobre seu corpo e sua sexualidade.

Atentas ao testemunho das mulheres sobre como se dá o aborto segundo a realidade dos diferentes grupos interessava-nos debater a postura do estado e das igrejas sobre seu desejo de poder sobre a reprodução no corpo das mulheres.

Por este caminho seguimos as outras reflexões do seminário. Olhando os artigos do direito civil e ouvindo as falas e os silêncios das igrejas sobre o aborto. Com a prática das mulheres invadindo nosso acercamento do tema, assumimos refletir sobre a Teologia e a Bíblia não buscando textos que legitimassem uma posição a favor ou contra o aborto. Este não era, nem é o caso.

Cabia-nos enfrentar a questão da reprodução em sua estreita articulação com a produção. Somente a partir das relações sociais vivenciadas no âmbito produção-reprodução interessava mapear os sinais de resistência e mudança nas práticas das mulheres sobre a concepção, a anti-concepção, a interrupção das gestações, o exercício da maternidade marcadas pelas decisões conjunturais em que estas estavam.

Buscando o diálogo entre as experiências de vida das mulheres de nosso tempo e das sociedades das narrativas bíblicas pautamos nossa reflexão no desejo de superar a mera construção de discursos sobre uma tema dado.

Assumimos, no Seminário, a postura de abrir caminhos para o reconhecimento do saber e da dignidade existente nas práticas que emergem dos corpos agarrados na defesa da vida digna. Assim, seguem em textos algumas das tendas, das barracas, das histórias de vida de grupos de mulheres com as quais aprendemos.